

A IMPORTÂNCIA DA HISTÓRIA LOCAL PARA O ENSINO DE HISTÓRIA: REFLEXÕES A PARTIR DE UMA EXPERIÊNCIA NA AMAZÔNIA ORIENTAL BRASILEIRA

THE IMPORTANCE OF LOCAL HISTORY FOR HISTORY TEACHING: REFLECTIONS FROM AN EXPERIENCE IN EASTERN BRAZILIAN AMAZONIA

LA IMPORTANCIA DE LA HISTORIA LOCAL PARA LA ENSEÑANZA DE LA HISTORIA: REFLEXIONES A PARTIR DE UNA EXPERIENCIA EN LA AMAZONIA ORIENTAL BRASILEÑA

Lucilvana Ferreira dos Santos Barros¹

Roberg Januário dos Santos²

Resumo: Na década de 1990, a História Local tornou-se uma área temática de conteúdos para os anos iniciais da Educação Básica. Todavia, a partir do Ensino Fundamental II, o lugar da História Local não está bem definido. A partir desse cenário, parte da literatura científica sobre o ensino de história já constatou a importância da História Local das cidades, bairros e outros espaços, que representam a ideia de lugar, para a formação dos educandos, pois permite uma aproximação direta com a história de vida deles. Contudo, mesmo diante das mudanças do campo historiográfico, inclusive com certa atenção ao local e ao regional, é possível compreender que ocorrem várias dificuldades para o trabalho com a História Local na prática docente. Tendo em vista essa situação, este texto tem como objetivo debater a importância da História Local para o ensino de história a partir da experiência de um projeto de ensino desenvolvido junto à Educação Básica de uma cidade do interior da Amazônia brasileira (Xinguara-PA). Os conhecimentos e práticas adquiridos por meio do projeto citado acima permitem considerar a importância da História Local para aproximar o público escolar da História, sobretudo por possibilitar o estímulo à observação, à curiosidade, à criatividade, à experimentação, à elaboração de raciocínios e ao reconhecimento de relações históricas entre o passado e o presente.

Palavras-chave: Ensino de história; história local; Amazônia oriental.

Abstract: In the 1990s, Local History became a thematic area of content for the early years of basic education. However, from Middle School onwards, the place of Local History is not well defined. From this scenario, part of the scientific literature on History Education has already recognized the importance of the local history of cities, neighborhoods, and other spaces, which represent the idea of place, for the education of students, as it allows for a direct connection with their life history. However, even in the face of changes in the historiographical field, including some attention to the local and regional aspects, it is possible to understand that there are various difficulties in working with Local History in teaching practice. Considering this situation, this text aims to discuss the importance of Local History for History Education based on the reported experience of a teaching project developed in basic education in a city in the interior of the Brazilian Amazon (Xinguara-PA). The knowledge and practices acquired through the mentioned project allow us to consider the importance of Local History in bringing the school audience closer to History, particularly by stimulating observation, curiosity, creativity, experimentation, the development of reasoning, and the recognition of historical relationships between the past and the present.

Keywords: History education; local history; eastern Amazon.

Resumen: En la década de 1990, la Historia Local se convirtió un área temática de contenidos para los primeros años de la educación básica. Sin embargo, a partir de la enseñanza primaria, el lugar de la Historia local no está bien definido. A partir de este escenario, parte de la literatura científica sobre Enseñanza de la Historia ya señalado la importancia de la historia local de ciudades, barrios y otros espacios, que representan la idea de lugar, para la educación de los alumnos, ya que permite un acercamiento directo a su historia de vida. Sin embargo, incluso frente a los cambios en el campo historiográfico, incluyendo una cierta atención a lo local y regional, es posible entender que existen varias dificultades para trabajar con la Historia Local en la práctica docente. Frente a esta situación, el objetivo de este texto es discutir la importancia de la Historia Local para la Enseñanza de la Historia, a partir de la experiencia de un proyecto pedagógico desarrollado con la educación básica en una ciudad del interior de la Amazonia brasileña (Xinguara-PA). Los conocimientos y prácticas adquiridos a través del mencionado proyecto permiten considerar la importancia de la Historia Local en el acercamiento del público escolar a la Historia, sobre todo estimulando la observación, la curiosidad, la creatividad, la experimentación, el desarrollo del razonamiento y el reconocimiento de las relaciones históricas entre el pasado y el presente.

Palabras clave: Enseñanza de la historia; historia local; Amazonia oriental.

Introdução

A inserção do local no ensino de história tende a atender a uma demanda antiga na formação dos estudantes da Educação Básica, que é a necessidade de se sentirem parte da história. Uma vez que os estudantes aprendem sobre a história Geral e do Brasil, eles tendem a se distanciar da disciplina e, conseqüentemente, das aulas de História. Isso acaba resultando em baixos índices na disciplina, evasão escolar e percepções históricas distantes da realidade mais próxima.

Um dos procedimentos para renovar o ensino de história e torná-lo interessante e compreensível para os estudantes é a inserção do aspecto local, pois isso permite o estudo do mundo mais próximo da comunidade escolar. No entanto, a inserção do local não acontece espontaneamente, sendo necessário um trabalho de qualificação e formação de professores para o ensino de História Local. Os professores desempenham um papel fundamental no processo de ensino-aprendizagem, pois eles implementam os currículos formais e reais. O currículo formal é baseado nas diretrizes educacionais do governo, ao passo que o currículo real é construído no dia a dia da sala de aula, levando em consideração suas especificidades.

É importante destacar que os professores de história, em sua formação no ensino superior, muitas vezes não são preparados para trabalhar com História Local e Regional. Essa é a história mais próxima deles e de seus alunos, capaz de apresentar um maior sentido histórico para aqueles que a vivenciam. Esses professores, após concluírem os cursos superiores, geralmente optam por especializações relacionadas à História do Brasil, à História Geral ou a outras questões importantes para o ensino da história contemporânea, como a História da África. Infelizmente, a formação dos professores nem sempre contempla a História Local e Regional, o que faz com que os estudantes formados por esses professores muitas vezes não se reconheçam na história, já que só estudam a história do Brasil e do mundo.

Além disso, a herança de uma formação centrada nos conteúdos da História Geral e do Brasil tem contribuído para uma formação docente baseada na transmissão de informações ou na transposição didática desses conteúdos. Contrariamente ao que se pensa, o estudo do aspecto local é uma das principais esferas de pesquisa em que os professores da Educação Básica podem desenvolver atividades de pesquisa, devido à disponibilidade de documentos e narrativas mais próximas.

É necessário considerar que grande parte dos saberes históricos advindos dos livros didáticos, dos manuais e outros materiais escolares é baseado em conhecimentos já produzidos no meio acadêmico e transpostos para o ambiente escolar. Em teoria, isso não exigiria que os professores fizessem pesquisas para o trabalho em sala de aula. No entanto, o trabalho com a História Local pode colaborar no processo de ensino-aprendizagem da disciplina de História. Considerando que são poucos os materiais

produzidos para o ensino de História Local e Regional, os professores de História da Educação Básica teriam que realizar pesquisas para ensiná-la, promovendo assim a quebra da ideia de professor como mero transmissor de conhecimentos já produzidos. Por outro lado, o ensino da História Local, seja de forma sistemática ou como introdução e contextualização de determinados conteúdos da História do Brasil e do mundo, pode despertar maior interesse dos estudantes pela disciplina e pelo estudo dos acontecimentos causados pelo homem no tempo e no espaço, incluindo aqueles mais próximos deles.

Ainda em relação aos professores-pesquisadores, é preciso considerar que as histórias dos lugares ou municípios geralmente são abordadas em datas festivas ou comemorativas, como a emancipação local ou datas consideradas importantes. Nesses casos, a História Local é apresentada aos estudantes de maneira esporádica e desconectada de suas proximidades. Isso ocorre porque, em muitas situações, a História Local ensinada é limitada a demandas ocasionais das secretarias de educação e tem um viés localista e elitista. Silveira aponta um perfil específico de História Local que prevalece quando não há pesquisa profissional realizada:

Retomando a História local: nesse processo historiográfico, acaba ela sendo subsumida por essa História dita nacional, mesmo pelas histórias regionais/estaduais. Foi construída como história dos municípios, foi elaborada usualmente, por notáveis figuras das localidades, não profissionais de história, costumeiramente vinculados ao poder local (Silveira, 2007, p. 3).

Conforme aponta Silveira, a historiografia nacional, estadual e regional acaba sobrepondo a História Local, e é importante considerar também o perfil dos historiadores que produzem essa história local. Frequentemente, são narrativas criadas por pessoas que não têm formação profissional em História e estão vinculadas às redes de conhecimento e poder local, que constroem identidades e percepções conforme suas necessidades. As aspirações de uma nova História Local, embasada em pesquisa histórica e apresentada por meio de narrativas que articulam texto, contexto e fontes, voltam-se para o cotidiano de diversos grupos e segmentos, especialmente para as dinâmicas e culturas locais, e para a problemática das narrativas culturais relacionadas à construção de identidades e espacialidades.

Com base na premissa de que o processo de ensino-aprendizagem de história é amplamente direcionado por meio de uma cadeia normativa de conhecimento, sustentada pelo empirismo das regras escolares e pela objetividade dos materiais didáticos, especialmente os livros didáticos, que geralmente abrangem conteúdos de História Geral ou do Brasil, este texto tem como objetivo refletir sobre a importância da História Local e Regional no ensino de história, com base na experiência de projetos de intervenção metodológica aplicados na Educação Básica de um município

do interior da Amazônia, chamado Xinguara, localizado no sul do estado do Pará, a aproximadamente 795 km da capital Belém.

Assim, o texto está dividido em quatro partes. Primeiro, são apresentados os elementos introdutórios à discussão, os objetivos e a estrutura do artigo. Em segundo lugar, discute-se a compreensão do local e da História Local no ensino de história. Em terceiro lugar, busca-se demonstrar a relevância do local no ensino de história por meio da experiência de um projeto desenvolvido junto aos estudantes da cidade de Xinguara, no Pará, Amazônia. Em quarto lugar, são apresentadas as considerações finais.

Compreendendo o local e a História Local no ensino de história

Acreditamos que tanto os professores quanto os alunos, além de estarem imersos em uma esfera global, vivenciam o local como espaço/tempo de sua proximidade e cotidiano. Portanto, acreditamos na importância de incorporar a História Local no ensino de história. Conforme Fagundes, a História Local é:

Um novo método de abordagem histórica que consiste em mostrar as singularidades do lugar, bem como os pontos de conexão com a realidade de outros lugares. Essa forma de conceber e fazer história permite, no ambiente escolar, uma relação contínua entre os sujeitos e o objeto de estudo, uma vez que esses sujeitos – o aluno e o professor – fazem parte da comunidade e das múltiplas relações aí contraídas, o que facilita na identificação das características do processo histórico local e possibilita a percepção da heterogeneidade cultural existente (Fagundes, 2006, p. 93).

A História Local, nessa perspectiva, é uma abordagem histórica que se concentra no lugar com suas especificidades e eventos, bem como nos sujeitos e ações que ocorrem nele. Outros estudiosos complementam essa compreensão do local. Segundo o historiador José D'Assunção Barros, a História Local surge quando a realidade local é questionada e problematizada no campo da História, tornando-se central para a produção de análises e investigações. Segundo esse autor, “[...] o ‘local’ implica aqui uma referência a uma cultura ou política local, a uma singularidade regional, a uma prática que só se encontra aqui ou que aqui adquire conotações especiais a serem examinadas em primeiro plano” (Barros, 2022, p. 26).

Barros considera a História Local como uma modalidade historiográfica e apresenta quatro motivos para sua prática: como caminho para abordar aspectos mais gerais ou regiões mais amplas; como recurso para testar ou reformular generalizações; como forma de se unir a outras histórias locais, compondo assim um quadro maior; como motivação e demanda próprias do pesquisador. Todas essas formas fazem parte da

modalidade de História Local.

Além das classificações que definem a História Local como um método de abordagem histórica (Fagundes, 2006) ou como uma modalidade historiográfica (Barros, 2022), destacamos também a compreensão da historiadora Arlette Medeiros Gasparello (2007), para quem a História Local é um princípio metodológico e possui relevância social ao interagir com a vida cotidiana dos estudantes

[...] encontra validade sua validade ao atender aos pressupostos da construção de um conhecimento que interage com um saber que se torna significativo e consciente, constituindo-se em uma relevância social. Definindo-se como a história do lugar, aproxima o aluno de seu cotidiano, da sua família e de seus companheiros, para compreensão de si mesmo como sujeito histórico, agente do seu fazer e do seu viver (Gasparello, 2007, p. 89).

Além das classificações sobre a natureza da História Local, voltamos a Barros para refletir sobre a distinção entre História Local e História Regional, observando que o regional abrange um sistema com suas especificidades, regras e dinâmicas que estão conectadas a outros sistemas regionais. Por outro lado, o local, de acordo com Assunção Barros, refere-se a uma localidade que geralmente é delimitada por um tema transversal, em que a compreensão básica não se concentra no espaço como um sistema regional, mas sim como um lugar (Barros, 2022). Em outro texto do mesmo autor, ele enfatiza diretamente o que ele entende por História Local: “[...] uma história que se produz de um lugar, que traz as marcas deste lugar, que retorna depois a este mesmo lugar e produz novas interações com os leitores que se reapropriarão criativamente desta história” (Barros, 2013, p. 170).

Caso o local seja a cidade, é possível estabelecer uma compreensão do espaço da cidade como uma pedagogia dos espaços e, nesse sentido, é possível compreender que:

A História local dá ao pesquisador uma ideia muito mais imediata do passado [...] Ele a encontra dobrando a esquina e descendo a rua. Ele pode ouvir seus ecos no mercado, ler seu grafite nas paredes, seguir suas pegadas nos campos (Samuel, 1990, p. 220).

É muito importante observar a cidade a partir de suas singularidades, questões e materialidades próprias, notar a passagem e o registro do tempo através de suas praças, ruas, prédios, cantos e recantos e, como nos ensina o escritor e jornalista italiano Ítalo Calvino (1990, p. 14-15), “a cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das

escadas, nas antenas dos para-raios, nos mastros das bandeiras”.

Deve-se considerar que o trabalho com História Local não exclui a possibilidade de trabalho com a História Geral, pois “[...] os problemas culturais, políticos, económicos e sociais de uma localidade explicam-se, também, pela relação com outras localidades, outros países e, até mesmo por processos históricos mais amplos” (Schmidt; Cainelli, 2004, p. 112). A História Local não se limita a pequenos fragmentos e abordagens isoladas, mas envolve interações com outros processos históricos, sendo importante para estudiosos e interessados preservarem suas especificidades em relação à localidade ou ao lugar. A História Local também não deve ser confundida com a Micro-história, pois a primeira tem o objetivo de observar as formas de homogeneização, articulações e contradições de uma localidade específica, diferenciando-se da segunda, que se concentra na redução da escala de observação do historiador para estudar um problema histórico mais geral através de uma comunidade específica, e não a própria comunidade em si (Barros, 2013).

A História Local frequentemente é considerada secundária nas salas de aula ou abordada de forma esporádica, embora tenha um potencial significativo para estabelecer vínculos e promover diálogos entre a história local/regional e os conteúdos de História Geral e do Brasil que já foram abordados no contexto escolar. Assim:

O local é uma janela para o mundo. Cabe a nós romper com as dicotomias, os didatismos que nos impõem segmentações, compartimentações como “primeiro se ensina isto e só depois aquilo”. O mundo está dentro das nossas casas, nas diferentes localidades. Nosso cotidiano é perpassado pelas coisas do mundo. Nossos grupos de convívio são compostos de pessoas de diferentes lugares, nacionalidades, origens étnicas e culturais [...] (Fonseca, 2012, p. 244).

A metáfora da “janela para o mundo” é de extrema importância para aqueles que trabalham com o local, pois abordar temas locais não significa reducionismo ou uma perspectiva limitada, já que a partir do local é possível discutir uma variedade de questões em diferentes escalas espaciais. Fonseca também destaca que “[...] o local e o cotidiano do aluno constituem e são constitutivos de importantes dimensões do viver – logo, podem ser problematizados, tematizados e explorados no dia da sala de aula, com criatividade, a partir de diferentes situações, fontes e linguagens” (Fonseca, 2012, p. 241).

Cavalcanti (2018) propõe o conceito de “configuração local da história” para pensar a História Local a partir das especificidades do lugar, destacando que essa abordagem não é uma simples reprodução do nacional e do global. O autor ainda elenca que:

O professor pode deslocar o ângulo de percepção movido pelo fundamento

básico da Ciência Histórica ao compreender que as experiências são singulares no tempo e no espaço. Que a construção histórica dos acontecimentos da rua, do bairro ou da cidade não está determinada pelas forças externas de uma história supostamente nacional ou global (Cavalcanti, 2018, p. 288).

O ensino de História Local é um desafio contemporâneo para o processo de formação de professores, pois é considerado importante para a aprendizagem de uma educação histórica dos alunos, não obstante, o ensino de História Local tende a ser eclipsado por várias razões, entre elas o currículo e a formação no âmbito das licenciaturas. Nesse sentido, a formação inicial e continuada de professores necessita considerar o valor dessa abordagem histórica e o conteúdo de ensino.

As grandes abordagens da história da nação, em muitos casos, homogeneizam e eclipsam as questões locais e regionais, deixando de fora da “grande história” situações, grupos e sujeitos também fazedores de história. É imprescindível ter claro que o historiador e professor de História devem escrever e abordar a longe dos projetos das elites e dos poderes, que pretendem utilizar o local para reforçarem seus projetos e postulados. Pois, uma das dificuldades recorrentes dos estudos do local, segundo Fonseca (2012, p. 240), são as fontes de estudo, os documentos disponibilizados aos professores, que:

Em geral, [são]constituídos de dados, textos, encartes, materiais produzidos por órgãos administrativos locais com o objetivo de difundir uma determinada memória. Assim, muitas vezes, professores e alunos tinham, como únicas fontes de estudo, evidências que visam à preservação da memória de grupos da elite local.

Ou seja, os argumentos locais e regionais eram/são muitas vezes usados como forma de mascarar os conflitos e as contradições presentes na sociedade. Albuquerque Júnior, ao tratar da história regional, esclarece que “[...] o grande desafio que se coloca para a historiografia que se diz regional é o de não se constituir em mais um saber a repor acriticamente a pretensa identidade de uma dada região” (Albuquerque Júnior, 2008, p. 59). Trazendo o debate para o local se aplica o mesmo raciocínio, ou seja, é preciso trabalhar as histórias locais para além das narrativas já construídas e consolidadas que atendem aos interesses de determinadas classes e sujeitos.

Propondo a História Local para a Educação Básica

Os autores desse texto iniciaram uma aproximação com a Educação Básica e pública de Xinguara a partir do interesse em desenvolver projetos de ensino junto ao público

escolar, com o objetivo de realizar a aproximação entre a Universidade e a escola. A partir dos contatos prévios e da nossa participação na semana pedagógica do município em 2016, observamos a necessidade de formação docente para o trabalho com a História Local e regional, pois, nessas ocasiões acima citadas, os docentes da disciplina de História da rede básica de ensino ressaltaram que a História Local e regional era somente trabalhada em duas oportunidades, sendo a primeira em relação à emancipação política de Xinguara (no mês de maio) e a segunda durante a realização do evento principal da cidade, ou seja, a Feira Agropecuária de Xinguara – FAX (no mês de setembro).

A situação acima revela que a história local da cidade se restringe a ser estudada em dois momentos e tematicamente é uma história de conotações políticas e localistas, nos moldes do que Silveira (2007) apontou, ou seja, traduz os poderes locais, pois na primeira ocasião estuda-se a saga dos “pioneiros”, em grande medida empresários goianos e do Sul do país, ao abrirem fazendas na cidade e o processo de emancipação do município; por outro lado, a FAX revela os festejos locais à moda dos pioneiros, pois este evento volta-se para a cultura agropecuária. Desse modo, a história local ensinada não é uma história crítica e problematizadora do local, mas propensa a ser uma história harmônica e festiva das elites locais e regionais, uma vez que o sul e o sudeste do Pará, do ponto de vista econômico, são expressivamente dominados pelo agronegócio ligado à pecuária.

A partir dessas situações, propomos um projeto maior de intervenção metodológica neste cenário do ensino de história em Xinguara, por meio de atividades junto aos estudantes do Ensino Fundamental II. Posteriormente, realizamos um conjunto de oficinas oferecidas aos professores e professoras da cidade, visando à formação para abordar o local e o regional na prática docente.

O projeto proposto e realizado junto às escolas municipais de Xinguara foi intitulado *Novas Perspectivas do ensino de História Local na cidade de Xinguara/PA: diálogos entre a Universidade e a Educação Básica*. Ele foi aprovado e financiado pelo Programa de Apoio a Projetos de Intervenção Metodológica – PAPIM, da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, entre 2016 e 2017. O objetivo deste projeto era intervir em um modelo de ensino-aprendizagem pautado na objetividade e racionalidade da realidade escolar, regulado pela zona de fixação de conteúdos escolares.

Esse modelo ainda está presente no meio escolar, apesar das renovações ocorridas no campo do ensino de história desde as décadas de 1980 e 1990, que surgiram a partir das críticas ao modelo de memorização e reprodução. Foram introduzidos novos recursos didáticos, como cultura material, audiovisuais, entre outros, e adotadas abordagens centradas em tempos históricos integrados (história integrada) e/ou por temas (história temática); reflexões teóricas considerando as recentes composições historiográficas à época, como a História cultural; e as discussões sobre mudanças

curriculares, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). No entanto, a atenção dada à história local e regional ainda era modesta naquela época do projeto, considerando as recentes composições historiográficas.

Além disso, é importante ressaltar que tais mudanças ainda estão em processo e, em muitos casos, o modelo de ensino ainda é coordenado pelo modelo normatizador do conhecimento, que se concentra na reprodução de conteúdos escolares, baseado no currículo formal e nas regras escolares. Essa abordagem pode ser compreendida nas palavras de Knauss (2012, p. 30):

A escola tem sido o lugar de exercício do papel social do professor, identificado com uma concepção de saber pronto, acabado e localizador, cujo desdobramento é a aversão à reflexão e o acriticismo, sem falar na falta de comunicação. A escola e a sala de aula surgem, assim, como lugar social de interiorização de normas, em que o livro didático é o ponto comum entre o professor e aluno, sendo todos elos de uma cadeia de transferência disciplinadora do cotidiano e ratificadora das estruturas sociais vigentes.

O projeto buscou desvincular-se da perspectiva de ensino descrita acima, enfatizando a riqueza do trabalho docente articulado com a pesquisa. Considerando que os professores são investigadores do mundo e elaboradores de conceitos no campo do conhecimento histórico, um dos objetivos do projeto foi capacitar os professores e alunos para promover o diálogo entre o presente e o passado. Dessa forma, o processo de ensino-aprendizagem seria ancorado em problemáticas que fizessem sentido não apenas no âmbito do conhecimento escolar transmitido pelas universidades, considerado como conhecimento competente, mas que também fizessem sentido no contexto em que os agentes envolvidos na sala de aula estão inseridos no dia a dia. É importante ressaltar que o conhecimento escolar é produzido de acordo com cada contexto e levando em consideração as especificidades do local, conforme apontam os Parâmetros Curriculares Nacionais:

Os Parâmetros Curriculares Nacionais reconhecem a realidade brasileira como diversa, e as problemáticas educacionais das escolas, das localidades e das regiões como múltiplas. É no dia-a-dia das escolas e das salas de aula, a partir das condições, contradições e recursos inerentes à realidade local e educacional, que são construídos os currículos reais. São grupos de professores e alunos, de pais e educadores, em contextos sociais e educacionais concretos e peculiares, que formulam e colocam em prática as propostas de ensino (Brasil, 1999, p. 1).

O objetivo principal do projeto foi apresentar uma proposta para o ensino básico (Ensino Fundamental II) que envolvesse o trabalho com a história local. Dessa forma,

além de sugerir o trabalho ou repensar sobre a História Local e Regional, a intenção era ir além de um modelo de ensino limitado a generalizações e distanciamentos causados apenas pelo uso de livros didáticos e regras escolares que se baseiam em obviedades. Isso ocorre porque, considerando que o projeto foi realizado no interior do Brasil, em uma cidade que recentemente havia recebido um Curso de História, acredita-se e constatou-se naquele momento que o ensino de história ainda seguia os pressupostos normativos do conhecimento histórico, com o livro didático sendo o ponto central do processo de ensino-aprendizagem.

Essa questão foi levantada devido a vários fatores, como a falta de professores com formação na área de História, a dificuldade de acesso a discussões acadêmicas para atualização e repensar o ensino, as condições adversas nas escolas e os contatos prévios com os docentes, entre outros. Esses fatores dificultavam a criação de uma cultura escolar investigativa baseada na pesquisa. Na perspectiva desse projeto, uma das maneiras de alcançar essa perspectiva era por meio do estudo da história local, pois acredita-se, e ainda se acredita, no interesse dos professores e alunos em se envolverem com seu entorno.

Xinguara foi escolhida como campo empírico para a intervenção metodológica devido ao fato de abrigar um Curso de Licenciatura em História (instituição pública) e também porque os professores da rede básica de ensino local apontaram ter pouco contato com a academia. Além disso, a escassez de produção historiográfica sobre o município e a falta de material didático para uso nas escolas foram algumas das dificuldades identificadas preliminarmente durante os primeiros contatos com os professores do município.

Trabalhando a História Local no ensino de história na Amazônia oriental brasileira

Com base em uma metodologia que promoveu o diálogo entre ensino, pesquisa e extensão, o objetivo era trabalhar com turmas de professores colaboradores da Educação Básica, criando espaços de experimentação e impulsionando uma intenção maior: apresentar as possibilidades frutíferas do trabalho histórico a partir do local/regional por meio de documentos históricos provenientes dessas áreas específicas. Isso ocorre porque o local/regional possui um significado histórico profundo para os indivíduos. A equipe do projeto era composta por dois docentes da universidade, dois bolsistas de graduação e um professor colaborador da Educação Básica. Essa equipe selecionou uma escola para iniciar o projeto, a Escola Municipal Acy de Barros Pereira, localizada em Xinguara, onde trabalharam com alunos das séries 7º, 8º e 9º do Ensino Fundamental II.

A equipe do projeto realizou encontros para aprofundamento teórico, a fim de mapear e estudar bibliografias específicas relacionadas ao campo historiográfico da

História Local e do ensino de história, bem como temas relacionados ao estudo da história da cidade e região. Durante esse período, também foram realizadas visitas aos arquivos documentais para apresentar à equipe do projeto os arquivos e fontes que seriam analisados ao longo da pesquisa. Foram mapeados principalmente os acervos da Paróquia de Xinguara, da Câmara Municipal e da Casa de Cultura de Xinguara, entre outros espaços. Esses lugares contêm diversas camadas de discursos e imagens que se referem à história do município e da região:

Quadro 1 – Tipologia das fontes pesquisadas

Origem das fontes	Tipologia das fontes
Documentos de instituições	atas do Legislativo municipal; certidões de casamento e batismo da Paróquia da cidade
Fontes impressas	revistas, jornais, periódicos;
Obras da Literatura Local	obras de memorialistas, jornalistas (escritores locais)
Fontes orais	Entrevistas.
Patrimônio	Ruas, praças, prédios públicos

Fonte: Quadro elaborado pelos coordenadores do projeto.

Assim, após o trabalho de mapeamento das fontes consideradas mais importantes para o trabalho em sala de aula, a equipe realizou uma filtragem e análise documental, selecionando, entre as fontes lidas, aquelas que seriam trabalhadas como suporte pedagógico em sala de aula para a (re)leitura da história local. Após a leitura dos documentos que foram triados e selecionados na pesquisa de campo, foram realizados diagnósticos com os alunos da escola parceira do projeto para mapear os conhecimentos prévios dos alunos acerca da história local, a fim de preparar atividades direcionadas para os perfis das turmas.

Além disso, uma vez realizadas as pesquisas empíricas nos arquivos e os diagnósticos, selecionamos alguns temas para serem trabalhados nas oficinas temáticas (etapa escolar do projeto). Os diagnósticos aplicados foram fundamentais para o andamento do projeto, pois a equipe obteve informações para planejar a segunda fase das atividades. Os diagnósticos abordaram questões como a naturalidade dos pais e alunos, a renda familiar, o acesso à internet, a disciplina de História, a História Local e Regional, e ainda um espaço destinado à criatividade dos estudantes para representar sua cidade por meio de desenhos.

Os diagnósticos possibilitaram entender que apesar de a maioria dos alunos serem naturais de Xinguara, uma relativa parcela deles era natural de outros estados da Federação ou pertencentes a outras cidades paraenses. Percebemos assim um número considerável de alunos xinguarenses, o que estimulou a equipe do projeto a

aplicá-lo, pois, uma vez pertencentes a este município, nos perguntamos: como esses alunos veem a história de sua terra natal? Essa questão impulsionou ainda mais o desenvolvimento do projeto, considerando que o município está localizado em uma região de intenso fluxo migratório, e a equipe já se preparava para lidar com a situação de que a maioria dos estudantes é natural de outros lugares. Por outro lado, o aspecto marcante da migração não fugiu às expectativas, já que 46% dos pais dos estudantes eram provenientes de cidades de outros estados brasileiros, sendo que 36% eram naturais de Xinguara e 18% eram naturais de outras cidades do Pará. Dessa forma, a grande maioria dos pais dos estudantes não eram naturais de Xinguara, demonstrando, assim, o fator preponderante da migração.

Com base nessas informações sobre os pais dos estudantes, a equipe do projeto propôs trabalhar o tema da migração, pois além de ser um tema recorrente para a formação regional do Sul e Sudeste do Pará, especialmente para essa área entre os rios Araguaia e Xingu, o fato de 46% dos pais dos estudantes não serem naturais de Xinguara, mas sim de outros estados, impulsionou o diálogo com os estudantes sobre a trajetória de suas famílias até Xinguara.

Quando solicitou-se aos estudantes que representassem em uma imagem como eles imaginavam a história de sua cidade, um estudante do 9º ano produziu uma representação gráfica que se refere à antiga denominação da cidade de Xinguara, ou seja, “Entroncamento do Xingu”, fazendo menção à origem do município, que é notadamente formado entre os rios Xingu e Araguaia. A história local das origens, nesse caso, a origem a partir dos limites, foi algo recorrente nas imagens produzidas pelos alunos, revelando ainda um traço da tradicional História Local ensinada: limites e marcos fundadores, história política/administrativa, história factual e biográfica:

Imagem 1 – Representação gráfica elaborada por um estudante do 9º ano



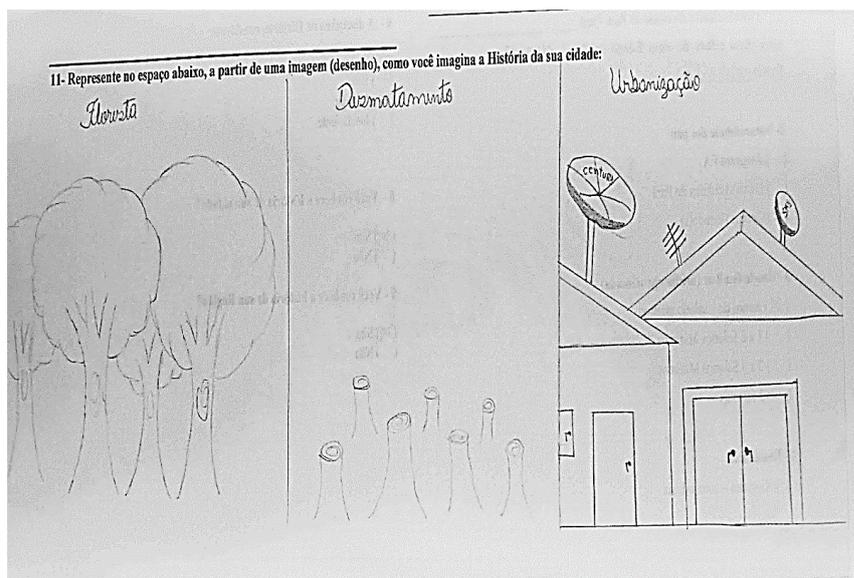
Fonte: Arquivo dos coordenadores do projeto.

Além disso, o fato de a maioria dos estudantes responder que eles e suas famílias não fazem parte da história de Xinguara e região demonstrou a importância da iniciativa do projeto. Dos 95 estudantes que responderam ao questionário, 75 responderam à

pergunta sobre sua participação na história do lugar em que vivem. Em relação a essa situação, primeiro percebemos que muitos nem responderam à pergunta. Segundo, pelas respostas, nota-se que a maioria dos estudantes afirmou que não se sentiam parte da história da cidade e região, o que nos levou a pensar que essa resposta muitas vezes foi impulsionada pelo desconhecimento da história local, pois a compreensão histórica dos estudantes está voltada para a História Geral e a História do Brasil, que são histórias um tanto distantes de suas realidades. Em relação à história da cidade, 50% dos alunos demonstraram não conhecê-la.

Como já mencionado, os diagnósticos contribuíram significativamente para o planejamento das atividades, como as oficinas, por exemplo. Uma das etapas do diagnóstico aplicado aos estudantes foi solicitar a elaboração de uma representação gráfica (desenho) da sua cidade. Essa atividade demonstrou como certos eventos e temas fazem parte do imaginário e da identidade dos estudantes, revelando suas formas de apego espacial e maneiras de se reconhecer na sociedade em que estão inseridos. Apesar de os estudantes enfatizarem que não conheciam a história mais próxima, o fato é que as representações gráficas elaboradas por eles são sintomáticas da história da cidade e de seu entorno, especialmente por demonstrarem vários aspectos locais. Isso pode ser observado na representação gráfica feita por um estudante do 8º ano, na qual são representadas três fases distintas, notadamente a floresta, o desmatamento e a urbanização com a construção de moradias:

Imagem 2- Representação gráfica elaborada por um estudante do 8º ano



Fonte: Arquivo dos coordenadores do projeto.

O ouro e a extração de madeira foram os dois grandes projetos que inicialmente foram responsáveis pela ocupação da região do Araguaia paraense. É frequente que

peças com um pouco mais de idade mencionem os tempos do ouro e da madeira em Xinguara, criando na memória das mais jovens lembranças de tempos passados marcados pelo auge das atividades extrativistas. A construção positiva desse tipo de atividade extrativista, a ponto de ser representada graficamente como uma ilustração da cidade, precisa ser problematizada no campo da história, pois a lógica extrativista na região é predatória, não respeitando a natureza e seus recursos. Além disso, a condição dos trabalhadores vinculados a esses tipos de atividades econômicas merece atenção, uma vez que a região do Sul do Pará é um espaço marcado pela violação dos direitos trabalhistas.

Como etapa seguinte aos diagnósticos, conforme mencionado anteriormente, foram realizadas atividades de oficinas temáticas, que foram previamente organizadas em conjunto com a equipe do projeto e posteriormente aplicadas durante o horário de aulas do professor colaborador, com a ajuda e participação dele. Além das oficinas temáticas, várias outras atividades foram realizadas com o público-alvo do projeto. É importante mencionar que a equipe do projeto esteve presente semanalmente na escola parceira para acompanhar e fornecer suporte aos estudantes que, após as oficinas temáticas, realizaram exercícios. Também foram feitas entrevistas com moradores do município sobre suas memórias acerca da história da cidade e da região. Essas entrevistas também serviram como fontes históricas para o projeto.

A partir da seleção dos temas a serem trabalhados nas oficinas, a equipe iniciou um trabalho de organização da primeira oficina, com o tema “Migração para o Sul do Pará e Xinguara”. Para organizar essa oficina, foram realizadas leituras específicas relacionadas ao tema em reuniões tanto na universidade, quanto na escola parceira do projeto, com o objetivo de fornecer embasamento teórico e metodológico para a equipe e discutir e elaborar os mecanismos de trabalho com a História Local na escola e nas turmas selecionadas. Com base nas fontes históricas pesquisadas, como documentos paroquiais, certidões de batismo e casamento, além de documentos do poder legislativo, atas, correspondências e projetos de lei, principalmente a partir das entrevistas realizadas com moradores locais, várias oficinas foram realizadas com o público escolar, abordando temas como migração, manifestações culturais (arte e cultura), terra, trabalho e questões agrárias, história e natureza, entre outros.

A título de exemplo e devido ao limite de páginas deste artigo, relatamos os trabalhos das oficinas sobre os temas da migração e das questões agrárias, pois são dois temas fundamentais para a compreensão histórica da cidade de Xinguara e da região. A oficina sobre a temática “Migração para o Sul do Pará e Xinguara” buscou dialogar sobre esse processo de constituição da cidade e da região, enfatizando a importância dos alunos e de seus familiares para a história local. Para realizá-la, foram selecionadas fotografias de migrantes que vieram trabalhar em fazendas, garimpos, exploração de madeira, comércio local, etc., além de documentários sobre a história

da cidade e da região, mapas, fragmentos de entrevistas com moradores e fragmentos da literatura local. Inicialmente, contextualizou-se com os estudantes um pouco da história da formação da região e da cidade, destacando os planos de desenvolvimento do estado brasileiro para a Amazônia, incluindo o sul e o sudeste paraense, que se intensificaram nas décadas de 1960 e 1970 com a abertura de rodovias e grandes projetos hidráulicos/hidrelétricos, mineração e agropecuária.

Assim, o Estado desempenhou um papel decisivo no processo de colonização da região. Desde o período imperial, o Governo Central brasileiro e os governos provinciais do Pará e Goiás passaram a fomentar a ocupação branca das margens do rio Araguaia, com a implantação de projetos voltados para a navegação e colonização na área próxima ao que hoje é o sul do Pará. Mais recentemente, o governo federal tinha objetivos específicos com essa ação, como integrar a Amazônia brasileira ao restante do território nacional, dada a condição da área como fronteira, e transferir para uma área nova e distante parte dos grupos agrários já organizados na luta pela terra no Nordeste. Diversas propagandas circularam em torno da Amazônia durante os períodos de 1964 a 1985, com *slogans* como “homens sem-terra” (do Nordeste) para “terra sem homens” (na Amazônia), servindo como atrativos para migrantes que buscavam uma porção de terra.

Com a implantação de eixos rodoviários, como a rodovia Belém-Brasília e a PA-70, juntamente com os incentivos fiscais e apoios creditícios estabelecidos pela SUDAM (Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia) para projetos agropecuários, além da descoberta da mina de ouro de Serra Pelada, houve um considerável aumento do fluxo de migrantes para a região do sudeste paraense. A abertura de grandes estradas deu início a um processo de corrida por terras marginais e devolutas. Nesse contexto migratório, várias famílias vindas de estados como Goiás, Mato Grosso, Maranhão, Piauí, Ceará, Minas Gerais, Bahia, entre outros, deslocaram-se para o sul e sudeste do Pará em busca de uma vida melhor, estabelecendo-se em terrenos ao lado das estradas e em outros espaços da região.

Após a contextualização histórica, a ideia foi mobilizar o conhecimento dos estudantes em relação à sua própria história mais recente, por meio da análise de documentos. Para isso, seguimos os ensinamentos de Circe Bittencourt (2004) em relação às etapas a serem observadas no trabalho com documentos no ensino de história: a primeira etapa é a descrição do documento, na qual se destacam as informações contidas nele; a segunda etapa é a mobilização dos conhecimentos prévios dos alunos sobre as informações do documento; a terceira etapa é a explicação do documento, fazendo conexões com documentos anteriores ou explicações anteriores; a quarta etapa é a contextualização do documento em relação à sua autoria; a quinta etapa é a identificação da natureza do documento, percebendo se é um testemunho voluntário ou involuntário e sua procedência; e a sexta etapa é a crítica ao documento

e a discussão de sua historicidade (Bittencourt, 2004, p. 334). Ao final da oficina, uma atividade relacionada ao tema trabalhado foi apresentada aos alunos para ser realizada posteriormente.

Assim, a primeira oficina foi realizada na escola parceira do projeto, especificamente em uma turma do 8º ano do Ensino Fundamental II. O objetivo foi levar aos alunos o diálogo sobre um tema que lhes diz respeito diretamente: o próprio processo de chegada e estabelecimento de suas famílias na cidade de Xinguara e região. Por meio das pesquisas nas fontes, pudemos observar como ocorreu o processo de formação da região Sul e Sudeste do Pará, com Xinguara sendo parte desse processo, constituindo-se a partir de diversas ondas migratórias originadas de várias regiões do Brasil. Muitos desses migrantes, identificados nas fontes históricas pesquisadas (documentos paroquiais, certidões de batismos e casamentos, bem como documentos do poder legislativo, atas, correspondências, projetos de lei, especialmente a partir das entrevistas com moradores locais), fazem parte das estatísticas de migrantes que compõem a população de Xinguara, e seus filhos frequentam as salas de aula do município, incluindo as salas de aula parceiras do projeto.

Tornou-se fundamental iniciar as discussões sobre a História Local na escola a partir do diálogo sobre a migração no sul e sudeste do Pará, pois, por meio do nosso trabalho, pudemos demonstrar aos alunos que eles e seus familiares fazem parte da história do município e da região, e que desempenham um papel importante no processo de construção desses espaços. Quando pesquisamos sobre a História de Xinguara e região, especialmente a história do município, as principais narrativas que surgem sobre o local versam sobre a participação de um grupo de “homens pioneiros” principalmente vindos dos estados de Goiás, São Paulo e Minas Gerais. Esses grupos são destacados nas narrativas locais, atribuindo-lhes papéis principais nas narrativas oficiais. No entanto, por meio das pesquisas nas fontes locais, identificamos a ampla participação popular no processo de construção da região, com migrantes, principalmente do Nordeste, vindos do Maranhão, Bahia, Ceará, Piauí, entre outros. Esses migrantes, ao longo de várias décadas, foram silenciados nas histórias locais ou marginalizados na formação da região, como observou a historiadora Idelma Santiago da Silva (2006, p. 54):

[...] migrantes maranhenses ainda hoje continuam sendo uma frente de migração negra para o sudeste do Pará. Portanto, uma população de trabalhadores(as) que protagonizaram a história local, mas que tem sofrido um processo de invisibilidade ou tem sido vista através de estereótipos.

Não se obscurece a grande presença de goianos na cidade, mas outros grupos de outros lugares também constituíram a cidade e região. Estas populações estavam presentes em vários momentos e espaços construtores do município, apesar de não possuírem destaques nas narrativas oficiais, como foi possível observar na pesquisa

realizada pela equipe do projeto nos documentos paroquiais da Igreja de São José Carpinteiro, em Xinguara. Nessa pesquisa, os registros de casamento revelaram a presença de pessoas naturais de vários estados, como Bahia, Tocantins, Paraná, Minas Gerais, Maranhão, entre outros. Durante a oficina, a equipe do projeto problematizou o conceito de “pioneiro”. Nesse contexto, frisa-se o estudo recente de Silva, Lisbôa e Sena (2022), que estudaram a região de Carajás adotando o conceito de “zona de contato” da crítica literária e linguística estadunidense Mary Louise Pratt.

Os autores acima mencionados passaram a estudar a história do contato entre diversos grupos e parcelas de migrantes a partir do estabelecimento da produção de alteridades, das hierarquias e da produção de outro no espaço de fronteira que é a região de Carajás. Nessas circunstâncias, esses contatos não são harmoniosos, nem pacíficos, resultando, inclusive, na produção de uma representação regional praticamente a partir do homem branco, sulista e pioneiro, deixando de fora os diversos grupos de migrantes nordestinos e sujeitos humildes advindos de outras partes do país. A oficina, portanto, buscou, em sua estrutura, dialogar acerca desse processo de constituição da cidade e região, enfatizando a importância dos alunos e seus familiares para a história local.

Outra oficina temática – a ser apresentada aqui como um segundo exemplo das oficinas do projeto – foi realizada sobre o tema “terra, trabalho e questões agrárias”. A partir de pesquisas nas fontes e da instrumentalização teórica, pudemos observar como esse tema era e é presente na vida dos alunos e da comunidade. A estrutura agrária que constitui o sul e o sudeste do Pará e, portanto, a cidade de Xinguara, formou-se historicamente por meio de frentes ditas pioneiras do agronegócio sobre frentes de expansão de populações humildes em deslocamento para a Amazônia. Nesse contexto, os conflitos, desapropriações e perseguições aos direitos humanos tornaram-se a memória mais presente na vida dos estudantes, sendo amplamente representadas nas gravuras elaboradas pelos alunos nos diagnósticos solicitados no início do projeto.

Os conflitos agrários na Amazônia brasileira tiveram sua ascensão a partir da década de 1970 do século XX e ocorreram, entre outros motivos, em razão da expropriação e expulsão dos posseiros por grandes empresas privadas. Esse processo, de acordo com Martins (2004), foi denominado de superposição da frente pioneira sobre a frente de expansão. Os posseiros representavam a frente de expansão, sendo em sua grande maioria compostos por migrantes de longa data que ocuparam terras devolutas e viviam nelas sem nenhum tipo de documento que os legitimasse como proprietários. Já no que se refere à frente pioneira, tratou-se de um movimento essencialmente empresarial e capitalista de ocupação do território, formando grandes fazendas, além de bancos, casas de comércio, ferrovias, cartórios, o Estado, etc.

Em outras palavras, os conflitos por terra nessa região surgiram de entrechoques,

em muitos casos, tanto dos agentes da frente de expansão quanto de outros agentes da frente pioneira que ocupavam terras e se confrontavam pelo domínio delas. Em várias situações, os trabalhadores foram expulsos das terras que ocupavam, terras essas devolutas, ocupadas pelos chamados posseiros ou pequenos produtores. As ocorrências de conflitos de terra na região do sul e sudeste do Pará possuem um histórico de crimes e atentados aos direitos humanos, como revelado em seus estudos pelo historiador Airton dos Reis Pereira (2013).

Assim, a partir da realização dessa oficina, pudemos refletir em conjunto com os estudantes sobre a formação histórica dessa área e como foram gerados os inúmeros conflitos por terra e questões agrárias, como o massacre de Eldorado dos Carajás, ocorrido em 2006, na cidade de Eldorado dos Carajás, decorrente do contexto da luta pela terra. Os alunos relataram conhecer essas histórias, tendo inclusive parentes próximos envolvidos nesses conflitos, e sentiam-se parte dessas histórias, reconhecendo-se, juntamente com seus familiares, como constituintes delas.

As oficinas, entre os vários trabalhos realizados com os alunos (diagnósticos, discussões em sala, atividades, etc.), foram importantes para a reflexão sobre a História Local na escola, sendo fundamental para repensar, por parte dos estudantes, sua vivência mais próxima. As atividades do projeto na escola estimularam o raciocínio e a argumentação histórica dos estudantes, além de despertarem o interesse e a atenção do público escolar, que expressou o interesse em estudar a história da cidade.

Considerações finais

Pensar na licenciatura e no processo de formação docente no mundo contemporâneo requer uma análise das transformações paradigmáticas emergentes no campo do ensino nas últimas décadas e sua influência na formação de professores em um contexto em que as bases explicativas da sociedade e da realidade estão sendo questionadas. O conhecimento histórico ainda está muitas vezes preso a uma estrutura normativa baseada em formações acadêmicas para interpretar o mundo e a nação, e o uso exclusivo de livros didáticos como ferramentas pedagógicas levanta dúvidas sobre o presente.

Diante desse cenário, surgem questionamentos sobre a importância da formação docente em relação à História Local e à História Regional: qual é o significado do espaço escolar para nossos alunos atualmente? Será que esse espaço é relevante para eles? Os conteúdos e diálogos em sala de aula têm sentido para os alunos? Qual é o tipo de diálogo estabelecido entre os conhecimentos acadêmicos e o espaço escolar? Qual é o impacto disso nos sujeitos, saberes e práticas presentes no ambiente escolar? De que forma isso contribui para a formação crítico-reflexiva dos estudantes do ensino básico?

O projeto sobre a história local da cidade de Xinguara, no Pará, proporcionou uma experiência de trabalho primorosa com a História Local, tendo em vista o interesse e o aproveitamento dos estudantes e professores pelos temas históricos de seu entorno e localidade. O trabalho com a história local de Xinguara também permitiu observar que cada lugar possui sua própria historicidade e não é apenas um reflexo ou desdobramento de uma história maior. A história dos migrantes, os processos econômicos e a formação da cidade possuem suas dinâmicas e especificidades, e é possível conectar essa história local com a nação e o mundo, dependendo do interesse. Nesse sentido, deve-se considerar o trabalho de pesquisa como fundamental para a História Local, pois a partir do contato com uma variada gama de documentos e registros é possível conhecer uma história local para além das narrativas dominantes.

Consideramos importante o trabalho de formação continuada dos professores para que também possam trabalhar com a História Local, levando em conta as reflexões e mudanças emergentes no campo do ensino de história no Brasil nas últimas décadas. É necessário buscar medidas e estratégias para superar o distanciamento entre os saberes acadêmicos e os saberes escolares. No entanto, os docentes também devem lutar por seus ideais e demandas na prática docente, pois a identidade docente é um espaço de lutas, conflitos e construção de formas de ser e estar na profissão.

Os cursos de graduação, pós-graduação e aperfeiçoamento desempenham um papel importante na formação dos professores da Educação Básica para o mundo contemporâneo. Eles têm o poder de formar e certificar profissionais habilitados para o exercício do magistério em todos os níveis de ensino. No entanto, devemos perguntar: qual é o lugar da História Local no processo de formação docente nas licenciaturas atuais? Existe espaço para a reflexão sobre o universo mais próximo dos futuros professores em sua formação? Essas questões visam incentivar o debate e a reflexão sobre a formação dos professores de História nas universidades, especialmente no que diz respeito à instrumentalização do estudo do cotidiano e da realidade mais próxima.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. O objeto em fuga: algumas reflexões em torno do conceito de região. *Fronteiras*, Dourados, v. 10, n. 17, p. 55-67, jul. 2008. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/FRONTEIRAS/article/view/62>. Acesso em: 11 jan. 2024.

BARROS, José D'Assunção. História local e história regional: a historiografia do pequeno espaço. *Tamoios*, São Gonçalo, v. 18, n. 2, p. 22-53, jul./dez. 2022. DOI: <https://doi.org/10.12957/tamoios.2022.57694>.

BARROS, José D'Assunção. *O lugar da história local: a expansão da história*. Petrópolis:

Vozes, 2013.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de história: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. *Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio*. Brasília, DF: MEC, 1999.

CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CAVALCANTI, Erinaldo. História e história local: desafios, limites e possibilidades. *História Hoje*, São Paulo, v. 7, n. 13, p. 272-292, jan./jun. 2018. DOI: <https://doi.org/10.20949/rhhj.v7i13.393>.

FAGUNDES, José Evangelista. *A história local e seu lugar na história: histórias ensinadas em Ceará-Mirim*. 2006. 194 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/14531>. Acesso em: 11 jan. 2024.

FONSECA, Selva Guimarães. O estudo da história local e a construção de identidades. In: FONSECA, Selva Guimarães. *Didática e prática de ensino de história: experiências, reflexões e aprendizados*. 13. ed. Campinas: Papirus, 2012.

GASPARELLO, Arlete Medeiros. Construindo um novo currículo de história. In: MONTEIRO, Ana Maria; GASPARELLO, Arlette Medeiros; MAGALHÃES, Marcelo de Souza (org.). *Ensino de história: sujeitos, saberes e práticas*. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

KNAUSS, Paulo. Sobre a norma e óbvio: a sala de aula como lugar de pesquisa. In: NIKITIUK, Sônia L. (org.). *Repensando o ensino de história*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2012. p. 30.

MARTINS, José de Souza. A vida privada nas áreas de expansão da sociedade brasileira. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. v. 4.

PEREIRA, Airton dos Reis. *A luta pela terra no sul e sudeste do Pará: migrações, conflitos e violência no campo*. 2013. 265 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/11582>. Acesso em: 11 jan. 2024.

SAMUEL, Raphael. História local e história oral. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, n. 19, p. 219-243, 1990.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. *Ensinar história*. São Paulo: Scipione, 2004.

SILVA, Idelma Santiago da. *Migração e cultura no sudeste do Pará: Marabá (1968-1988)*. 2006. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2006. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/113/o/Idelma_Santiago_da_Silva.pdf. Acesso em: 11 jan. 2024.

SILVA, Idelma Santiago da; LISBÔA, Flávia Marinho; SENA, Laécio Rocha de. Alteridades e outridades na região de Carajás. *Novos Cadernos NAEA*, Belém, v. 25, n. 4, p. 87-112, dez. 2022. Disponível em <https://periodicos.ufpa.br/index.php/ncn/article/view/12831>. Acesso em: 15 jan. 2024.

SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. História local e ensino de história. In: ENCONTRO NACIONAL PERSPECTIVAS DO ENSINO DE HISTÓRIA, 6., 2007, Natal. *Anais [...]*. Natal: ABEH, 2007. p. 1-9. Disponível em: https://www.abeh.org.br/conteudo/view?ID_CONTEUDO=419. Acesso em: 5 jan. 2024.

Notas

¹Doutora em História pela Universidade Federal do Pará - UFPA. Professora da Faculdade de História do Instituto de Estudos do Trópico Úmido – IETU e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará-Unifesspa.

²Doutor em História pela Universidade Federal do Pará - UFPA. Professor da Faculdade de História do Instituto de Estudos do Trópico Úmido – IETU e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará-Unifesspa.

